Binnorie

Joseph Jacobs

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Binnorie

Era uma vez duas filhas de um rei que moravam num aposento perto dos belos açudes dos moinhos de Binnorie. E Sir William veio cortejar a mais velha, conquistou seu amor e lhe prometeu fidelidade, com luva e com anel. Mas, passado algum tempo, ele olhou para a mais nova, com suas faces de cereja e seus cabelos dourados, e seu amor se voltou para ela, até que já não se importava com a mais velha. Por isso, ela odiou a irmã por lhe tirar o amor de Sir William, e, dia após dia, seu ódio cresceu e cresceu, e ela tramou e planejou como se livrar da outra.

Então, numa bela manhã, clara e serena, disse à irmã:

— Vamos ver os barcos de nosso pai chegarem ao belo riacho do moinho de Binnorie.

E foram até lá de mãos dadas. Quando chegaram à margem do rio, a mais nova subiu numa pedra para ver os barcos chegarem à praia. E a irmã, chegando por trás, agarrou-a pela cintura e a atirou na correnteza do riacho do moinho de Binnorie.

— Ó irmã, irmã, estenda-me a mão! — gritou ela, enquanto era levada pela água. — E você terá metade de tudo o que tenho ou vier a ter.

— Não, irmã, não lhe estenderei minha mão, pois sou a herdeira de todas as suas terras. Vergonha de mim se tocar a mão daquela que se interpôs entre mim e o amor do meu coração.

— Ó irmã, ó irmã, então estenda-me sua luva! — gritou ela, enquanto era levada para mais longe. — E você terá seu William de volta.

— Afunde! — gritou a princesa cruel. — Você não tocará nem minha mão nem minha luva. O doce William será todo meu quando você tiver afundado sob as águas do belo riacho do moinho de Binnorie.

E ela se virou e voltou para o castelo do rei.

E a princesa foi levada riacho abaixo, ora nadando, ora afundando, até chegar perto do moinho. Naquele dia, a filha do moleiro estava cozinhando e precisava de água para cozinhar. Quando foi buscá-la no riacho, viu alguma coisa flutuando na direção do açude e gritou:

— Pai! Pai! Dê vazão à água do açude. Vem descendo o riacho alguma coisa branca: uma sereia ou um cisne branco como leite.

O moleiro correu até o açude e parou as pesadas e cruéis rodas do moinho. Então tiraram a princesa da água e a deitaram na margem.

Bonita e bela ela parecia, deitada ali. Em seus cabelos dourados havia pérolas e pedras preciosas; não se podia ver sua cintura por causa do cinto de ouro, e a franja dourada de seu vestido branco descia sobre seus pés alvos como lírios. Mas ela estava afogada, afogada!

E, enquanto ela jazia ali em sua beleza, um famoso harpista passou pelo açude do moinho de Binnorie e viu seu rosto doce e pálido. Embora tivesse seguido viagem para muito longe, nunca esqueceu aquele rosto e, depois de muitos

dias, voltou ao belo riacho do moinho de Binnorie. Mas, então, tudo o que conseguiu encontrar dela, onde a haviam posto em descanso, foram seus ossos e seus cabelos dourados. Fez, então, uma harpa com o osso do peito e os cabelos dela, e seguiu subindo a colina desde o açude do moinho de Binnorie, até chegar ao castelo do rei, pai da moça.

Naquela noite, estavam todos reunidos no salão do castelo para ouvir o grande harpista: o rei e a rainha, sua filha e seu filho, Sir William e toda a corte. Primeiro, o harpista cantou ao som de sua velha harpa, fazendo-os se alegrarem e ficarem contentes ou se entristecerem e chorarem, conforme sua vontade. Mas, enquanto cantava, pôs sobre uma pedra no salão a harpa que havia feito naquele dia. E, logo, ela começou a cantar sozinha, baixinho e com clareza, e o harpista parou e todos se calaram.

E foi isto o que a harpa cantou:

"Ó, ali está sentado meu pai, o rei,
Binnorie, ó Binnorie;
E ali está sentada minha mãe, a rainha,
Junto aos belos açudes dos moinhos de Binnorie.

E ali está de pé meu irmão Hugh,
Binnorie, ó Binnorie;
E, junto dele, meu William, falso e fiel,
Junto aos belos açudes dos moinhos de Binnorie."

Todos ficaram admirados, e o harpista lhes contou como tinha visto a princesa afogada, deitada na margem perto dos belos açudes dos moinhos de Binnorie, e como depois fizera aquela harpa com os cabelos e o osso do peito

dela. Nesse instante, a harpa voltou a cantar, e foi isto o que cantou alto e com clareza:

"E ali está sentada minha irmã, que me afogou
Junto aos belos açudes dos moinhos de Binnorie."

E a harpa estalou e se quebrou, e nunca mais cantou.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias
Tradução: Codex · tradução assistida por IA
Produção: Bons Filhos Educação
https://verdadeirashistorias.com.br/contos/binnorie-joseph-jacobs